

# FALAR DE MEMÓRIA<sup>1</sup>

*por*

**Filipe Pereirinha\***

## Resumo

Não só a memória está sujeita a perturbações diversas, como pode, ela própria, ser fonte de perturbação. É esta dupla vertente da memória que procuramos averiguar através de dois exemplos: o primeiro colhido num texto de Freud, o segundo nalguns objetos com que deparámos numa viagem recente. Tanto num como noutro caso, tratou-se de pôr em destaque a dimensão retroativa da memória, tal como sublinharam em particular Freud, Lacan e Hegel, mas também a sua relação com o esquecimento e, nomeadamente, com um real que constitui uma espécie de buraco negro no coração da memória.

## Palavras-chave

*Memória*

*Freud*

*Lacan*

*Retroativo*

*Real*

## Abstract

Not only memory is subjected to diverse perturbations as itself can be a source of perturbation too. Is this double feature of memory that we intend to inquire through two main examples: the first picked from a Freud text, the second in some objects that we came across in a recent trip. In each one of them we tried to highlight the retroactive dimension of memory, as Freud, Lacan and Hegel emphasised it, but also its relationship with oblivion and namely with a real that constitutes a kind of black hole in the heart of memory.

## Keywords

*Memory*

*Freud*

*Lacan*

*Retroactive*

*Real*

<sup>1</sup> Intervenção feita em Loures, dia 8 de Novembro de 2014, no âmbito do ciclo de debates “*Tempos de Crepúsculo*” organizado pela Câmara Municipal de Loures e coordenado por Vítor Oliveira Jorge.

\* *Doutor em Filosofia Moderna e Contemporânea, com uma tese sobre a problemática do sujeito em Jacques Lacan. É membro fundador da Antena do Campo Freudiano (ACF-Portugal), ex-professor e investigador do departamento de Psicologia da ULHT e membro do Centro de Estudos de Psicanálise (ACF – CEP). É ainda colaborador da revista Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada, além de convidado e colaborador regular, desde 2007, do Núcleo de Direito e Psicanálise da Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil). É igualmente autor de diversos artigos editados em publicações nacionais e estrangeiras (filipe.pereirinha@gmail.com).*

Começo por agradecer o convite do meu caro amigo Vítor Oliveira Jorge para vir a este espaço tão agradável falar de memória. Devo dizer que, de certa forma, me sinto como um peixe fora da água. Não era nada evidente, à partida, que eu, tanto pela minha formação filosófica quanto psicanalítica (de orientação lacaniana), fosse convidado a participar nestes encontros. Por outro lado, não é verdade que hoje, em *Tempos de Crepúsculo*, para servir-me da expressão que nomeia os referidos encontros, somos todos, de um modo ou de outro, peixes fora da água? Talvez, por isso, eu não esteja completamente deslocado.

Era suposto vir apenas falar de memória, não só porque é o tema dos encontros, mas também porque não se trata supostamente de apresentar comunicações, mas antes de debater problemas à volta de uma mesa. Porém, como não me sinto tão à vontade para falar de memória como, por exemplo, o meu caro amigo Vítor Oliveira Jorge, achei por bem trazer um papel escrito. Um papel escrito, como sabemos, é um auxiliar de memória ou uma extensão da mesma. Pelo menos era assim até à chegada da revolução digital. Hoje, os suportes da memória tendem a ser cada vez mais virtuais. Em que medida isso altera ou implica perturbações da memória, tanto individual como coletivamente, é o que ainda não conseguimos medir em toda a sua amplitude.

Numa psicanálise, é suposto que um sujeito fale de memória num duplo sentido: não só porque não leva com ele um papel escrito, mas também porque se trata de falar do que lhe vem à memória, das suas memórias. Então, surge uma pergunta: em que medida estas memórias são fidedignas, isto é, reproduzem – ou traduzem – bem o acontecimento ou acontecimentos marcantes da história do sujeito? Dizendo de outro modo: haverá possibilidade de recuperar agora, mais tarde, o que ocorreu de defeituoso ou excessivo – e por isso traumático – nessa história? Não haverá, por assim dizer, um buraco negro na própria memória dos acontecimentos? Para já não falar no facto de que os traços de memória são constantemente remanejados por força das novas circunstâncias, como Freud reconhecia, por exemplo, na famosa Carta 52. Além de que o sujeito, mais do que recordar, gostaria de esquecer aquilo que há de perturbador em certas memórias. Na verdade, a memória é presa fácil de perturbações. Tal como Freud, de resto, nos indica numa outra carta, endereçada desta vez ao seu amigo e escritor Romain Rolland, ao intitulá-la: «*uma perturbação da memória*». Que perturbação é essa, afinal?

Freud, encontrando-se na Acrópole, em Atenas, juntamente com o seu irmão, foi de repente assaltado por uma estranha ideia: «*Então é verdade que tudo isto existe como aprendemos na escola*». A estranheza advém, por assim dizer, de um sentimento de inacreditabilidade, como se fosse incrível, inacreditável, impossível mesmo, que tudo aquilo existisse tal e qual como os livros lhe tinham ensinado.

Pergunto: será a visão daquela paisagem, tão longamente sonhada e desejada, que perturba a memória que os livros tinham ajudado a construir na sua cabeça de Freud, ou é, pelo contrário, a memória deste que perturba a paisagem? A memória como perturbação da paisagem. Dizendo de outro modo: há algo que é da ordem da memória daquele sujeito em particular, Freud, que parece interferir ou perturbar a visão da paisagem.

Freud, grande amante de viagens, só tarde conseguiu realizar esse desejo. No *Freud Museum*, em Viena, como tive oportunidade de verificar este ano, em agosto, ainda se encontram as famosas malas de viagem. Foi, aliás, uma das coisas que mais me tocou, eu próprio amante de viagens. É como se aquelas malas fossem para mim, para nós, a memória de um desejo: o seu resto, o seu despojo.

Mas por que razão Freud, em vez de gozar plenamente da visão da Acrópole, por tantos anos desejada, é acometido por um tal sentimento de estranheza? É dele, precisamente, que Freud procura acercar-se por meio da carta que escreve ao seu amigo. E é possível resumir em poucas palavras o argumento de Freud: o filho, isto é, ele mesmo, pensa ter ido longe de mais ao ultrapassar o pai. Com efeito, o seu pai, que era negociante, não tinha feito estudos secundários e para quem Atenas não dizia praticamente nada, aparecia agora como uma sombra perturbadora da paisagem, como se o filho, tendo

criticado outrora o pai, após o ter admirado, revirasse a crítica contra si mesmo, impedindo-se de o ultrapassar, de ir mais além do pai.

Há como que um sentimento de culpa ou, como diz Freud, de piedade em relação ao pai que o impede de gozar plenamente da viagem.

A história poderia acabar aqui, de forma edipiana, digamos, se o próprio Freud não tivesse acrescentado algo. Nesta carta, escrita mais tarde – carta de memória, portanto –, ele dá um passo mais ao dizer o seguinte: «*Agora já não vos espantareis que a memória deste incidente na Acrópole volte a assombrar-me tão frequentemente desde que eu próprio sou velho, que preciso de indulgência e já não posso viajar*». Ou seja, a importância desta carta vai muito para além do pai, da relação edipiana, digamos assim, de um filho com o seu pai. Atrever-me-ia a dizer que ela é a versão freudiana da Coruja de Minerva que, segundo Hegel, só ao entardecer levanta voo. O filho, que tanto amara e criticara o pai, como acontece de um modo geral com os filhos, agora apercebe-se até que ponto, e de que modo, tudo isso recai sobre ele. Num tempo de crepúsculo, digamos. E já não tem desculpas. O pai – como diria Flaubert de Madame Bovary – *c'est moi*. É finalmente a constatação de Freud. E agora?

Agora, eu poderia ficar por aqui. Mas vou insistir um pouco mais nesta ideia: a memória como perturbação. Nesta mesma viagem, em que tive a grata oportunidade de visitar o *Museu Freud*, em Viena, tive igualmente ocasião de viajar por mais duas belas cidades europeias: Praga, capital da República Checa, e Budapeste, capital da Hungria. E foi nesta última que, ao passear por uma das margens do rio Danúbio, do lado de Peste e não muito longe do famoso Parlamento, fui de repente confrontado com algo à beira do rio: uma série de sapatos mais ou menos alinhados. O que seria aquilo? Mesmo se tinha uma imagem perante os olhos, faltava-me um nome para aquela coisa. Se quisermos, neste caso, a perturbação vinha de uma falta ao nível da memória: não havia registo na minha memória para enquadrar o que os meus olhos me davam a ver. E sem enquadramento, sem uma fala, uma palavra que a resgatasse, a imagem, ou melhor, a coisa, mantinha-se num rígido e obstinado silêncio.

Foi só depois, como acontece muitas vezes, num tempo retroativo (e à sua maneira cada um deles, não só Freud, mas também, por exemplo, Lacan ou Hegel, colocou em destaque esta modalidade temporal) que eu pude enfim resgatar aquilo: os sapatos que me foram dados a ver naquele dia à beira do rio Danúbio eram, afinal de contas, um memorial, inaugurado em 2005, em homenagem aos judeus de Budapeste, vítimas do terror do movimento fascista húngaro, que foram assassinados a tiro diretamente para o rio, entre 1944 e 1945.

Um memorial é algo para trazer à memória o que não deve ser esquecido: um «*pedaço de verdade histórica*», como diria Freud, que irrompe na visão, perturbando a paisagem. Acontece que a verdade histórica se encontra, neste caso, à beira do seu próprio limite, do seu buraco negro, impossível de compreender ou totalizar numa razão englobante. Pelo contrário, aqueles sapatos à beira do Danúbio pretendem mostrar que o real – um termo caro ao psicanalista Jacques Lacan – não é todo racional, contrariamente ao que afirmava Hegel. Mais do que uma pedra no sapato, como é costume dizer-se, era o próprio sapato, ou melhor, o conjunto de sapatos em bronze dispostos à beira do Danúbio que, ali, eram a pedra. A pedra no meio do caminho. No meio do caminho, do nosso caminhar de viajantes infatigáveis e cada vez mais acelerados – porque o mundo não para de acelerar – tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho, como diria o poeta.

Aqueles sapatos mostravam, no fim de contas, as pegadas de um real que escapa tanto à imagem quanto à palavra. Um real que, no coração da nossa memória, ficou literalmente descalço. É para não o esquecer e, em vez disso, torná-lo memorável – sobretudo numa Europa onde parece que a memória é curta e os vulcões adormecidos não param de acordar – que trouxe comigo este apontamento de viagem. Uma viagem de que recordo muitas e boas coisas, mas que ficaria incompleta sem esta pequena, mas significativa, memória. Pois, como diria o escritor e jornalista brasileiro Millôr Fernandes, «*quem não tem memória sabe tudo de olvido*».